

LUIZ VILELA
Ilustrações
MARCELO MARTINS

Boa de garfo

e outros contos

Selecionado para o PNLD/SP 2002



4ª edição
7ª tiragem
2018

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Luiz Vilela, 2000

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LÍVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: VAGNER CASTRO DOS SANTOS

Assistente de arte: MAURO MOREIRA

Projeto gráfico e diagramação: HAMILTON OLIVIERI JR.

Finalização: ALEXANDRE SILVA

Prdutor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vilela, Luiz, 1942 –

Boa de garfo e outros contos / Luiz Vilela ; ilustrações

Marcelo Martins — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. —

(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08197-0

1. Literatura infantojuvenil I. Marcelo Martins. II. Título. III.
Série.

99-5077

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo-SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

CL: 810047

CAE: 571344

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação S.A.

200746.004.006



Índice

<i>Boa de garfo</i>	5
<i>Piabinha</i>	19
<i>Menino</i>	25
<i>A volta do campeão</i>	31
<i>Causa perdida</i>	48
<i>Não haverá mais índios</i>	54
<i>Corisco</i>	62
<i>O violino</i>	67



Bom dia” foi, naturalmente, a primeira coisa que meu pai disse ao homem.

A segunda, só podia ser aquela: “E essa fera aí?”

A fera, que estava junto ao homem, era um cachorro fila, rajado, de um tamanho que eu nunca tinha visto na vida: um cachorro enorme. A gente ficava frio só de olhar para ele — aquela cabeçona com as beíçorras de-penduradas.

Mas o homem disse que não precisávamos ter medo, não tinha perigo.

“O senhor tem certeza que ele não morde?”, perguntou meu pai.

“É ela”, disse o homem, com um sorriso meio envergonhado.

“Ela ou ele, a mordida dói do mesmo jeito”, disse meu pai.

“O senhor pode ficar tranquilo”, disse o homem: “ela quando não gosta de uma pessoa, vai logo avançando.”

“É?”, disse meu pai. “Quer dizer que se ela não tivesse gostado de mim, ela já tinha avançado?...”

“Tranquilamente”, disse o homem.

“Tranquilamente”, repetiu meu pai.

“Mas eu sabia que ela não ia avançar”, disse o homem; “eu sei o tipo de gente que ela não gosta; bêbado, por exemplo, ela não pode nem sentir o cheiro.”

“Ainda bem que eu não bebo”, disse meu pai com alívio.

“O senhor pode ficar tranquilo”, tornou a dizer o homem; “ela é mansinha...”

Acho que meu pai não ficou tão tranquilo, mas precisava continuar a conversa e convidou o homem a sentar-se numa das cadeiras do alpendre. O homem sentou-se. Depois meu pai sentou-se. Eu continuei em pé, no canto, olhando. A cachorra foi ficar ao lado do homem e sentou-se nas pernas de trás.

O homem era miúdo, franzino. Era mulato, e tinha um bigodinho ralo e achinesado. Sua roupa estava com remendos, mas muito limpa — o que era bom sinal. Meu pai dizia: “Se o sujeito não tem cuidado nem com a própria roupa, como eu posso esperar que ele tenha cuidado com o serviço?” Ele devia ter gostado daquilo. O de que ele visivelmente não estava gostando era aquele animalzão, parado ali na frente, de olhos fixos nele. Mas a cachorra não parecia estar vigiando-o: parecia ser apenas curiosidade — como se ela também estivesse interessada na conversa. Mesmo assim, meu pai falou:

“Escuta, será que ela não gostaria de dar umas volatinhas por aí enquanto a gente conversa? Tem muito passarinho aí: ela não gosta de pegar?”

“Gostar, até que ela gosta; mas...”, o homem pareceu sem jeito de dizer: “é que ela não se afasta de mim por nada desse mundo; ela é muito apegada...” Olhou então para a cachorra e fez um carinho na cabeça dela: a cachorra retribuiu com um latido, que fez tremer o ar no alpendre. “Ela é muito afetuosa...”

“É”, disse meu pai, um tanto quanto assustado: “eu estou vendo...”



Tentando esquecer a cachorra — o que não era muito fácil —, meu pai prosseguiu a conversa:

“Bom, como o senhor já sabe, meu negócio é hortaliça; comecei há pouco tempo e estou precisando de uma pessoa com bastante prática.”

O homem sacudiu a cabeça. A cachorra, quieta, olhava para meu pai.

“Já tive boas informações sobre o senhor, fiquei sabendo de seu trabalho; agora nós precisamos conversar, ver se a gente combina; são várias coisas...”

Ao falar assim, meu pai olhou para a cachorra; não sei se foi intencional, querendo dizer que a cachorra era uma das “coisas”, mas estava claro que ela o preocupava. Quando ele mandou o recado para o homem vir ao nosso sítio, ele não sabia que o homem viria acompanhado daquele cachorrão — o mais certo seria dizer o cachorrão acompanhado daquele homem —, e era evidente agora que a cachorra tinha de ser levada em conta na combinação deles.

Houve uma curta pausa.

O homem tirou do bolso da camisa um cigarro de palha já começado, acendeu-o em densas baforadas, depois ficou olhando para fora, à espera de que meu pai prosseguisse.

“Bem”, meu pai prosseguiu: “por quanto o senhor viria?”

“Quanto de chão tem aqui?”

“É o que o senhor está vendo, mais o pedaço atrás da casa, que vai até o córrego. É pouca coisa”, disse meu pai com astúcia.

“É, o senhor tem um sítio bem ajitado...”, o homem disse, balançando a cabeça devagar; ele não era menos vivo. “O senhor planta o quê? Couve, alface, repolho...”

“E os tomates. A maior área é a de tomate: ela está lá atrás, no fundo.”